

Esta parábola de Jesus por ter sido anunciada nos primeiros anos da Igreja irá receber alguns acréscimos que refletem situações posteriores. O rei que tem a iniciativa do convite é Deus; o banquete de casamento significa a vida feliz no céu; os empregados são os profetas ou os apóstolos; os convidados que recusaram o convite são os dirigentes religiosos de Israel; o convite seguinte se dirige a todos, bons ou maus, é um convite universal; o convidado sem o traje da festa é aquele que não fez frutificar o convite recebido para mudar de vida, não merecendo, portanto, participar da festa.

Quem pronunciou esta parábola foi Jesus Cristo, cuja missão consistiu exatamente em revelar o projeto de Deus para uma humanidade que vivesse sob a soberania de Deus, o Reino de Deus, na qual o amor e a justiça fizessem dela uma sociedade de irmãos e irmãs invocando a Deus como Pai. O convite para uma vida, cujo desenlace é uma eternidade plenamente feliz, não se limita a uma religião, mas é universal, diz respeito a toda a humanidade. As autoridades religiosas justificam sua recusa ao convite de Deus devido aos afazeres que as ocupam, e também certamente a certa convicção de que são superiores, que bastam a si mesmos. Em seguida, o convite é renovado para todos sem condições prévias (bons e maus), mas pressupõe uma vida que lhe corresponda, uma vida para o Reino de Deus.

Sem dúvida a recusa das autoridades religiosas de seu tempo constituiu um fracasso na vida de Jesus, ao contrário do eco que encontrou junto às camadas mais pobres e excluídas da sociedade de então (Mt 11, 25). Qual seria a razão? Vejamos. O convite para entrar no Reino de Deus é uma oferta de salvação, de plenitude, de felicidade, que dificilmente poderá sensibilizar os que já estão satisfeitos com o que podem dispor: seja bens materiais, seja poder, seja reputação, seja status social, numa palavra, os que se julgam autossuficientes. E não querem se ver privados desta situação vantajosa. O gesto primeiro de Deus é gratuito, é dom. Mas como é difícil presentear alguém que tudo possui!

Já os pobres, os sofridos, os carentes, cuja vida se desenrolava na indigência, na impotência, no desprezo social, acolhem com entusiasmo a mensagem de Jesus, como nos relatam os evangelhos. As palavras e as ações de Jesus os beneficiam, os alegram, e lhes incutem ânimo e esperança. Eles se encontravam numa situação de carência que lhes permitia captar o sentido profundo da pregação de Jesus como uma oferta de salvação. Deus os amava, pensava neles, sofria com eles, lhes dava dignidade, e valorizava suas vidas.

Esta parábola, tendo como pano de fundo a vida de Jesus, nos ensina uma grande verdade. Só podemos avaliar, compreender, valorizar e corresponder ao gesto primeiro, absolutamente livre de Deus, em nos criar, nos entregar seu Filho, nos enviar seu

Espírito, nos acompanhar ao longo de nossos dias, se tivermos humildade para reconhecer nossa indigência, nossas limitações e nossos erros, nosso egoísmo e nossa impotência para o bem. Só então poderemos ter uma diminuta percepção do que realmente significa o excesso do amor de Deus por nós, o exagero de sua misericórdia e assim lhe responder por gratidão e não para evitar transgressões ou pecados. O conhecimento do nosso eu real é uma graça que deveríamos pedir frequentemente a Deus, pois só assim amadurecemos na fé.

Esta parábola ilumina também a situação da Igreja em nossos dias. As duas últimas Encíclicas do papa Francisco, *Laudato Sì* e *Fratelli tutti*, enfatizam a dimensão universal do Reino de Deus, abrigando todos os povos e todas as religiões em vista de uma convivência pacífica e fraterna da sociedade humana. Nota-se que sua pessoa e sua mensagem despertam aprovação e entusiasmo por parte de muitos que nem cristãos são, bem como dos indígenas, dos imigrantes, dos pobres e dos excluídos. Já por parte de classes mais abastadas e por parte de algumas autoridades eclesiásticas, ao contrário, encontra resistência e oposição. Não seria porque sua reforma implica perda de privilégios, de status social, de bens materiais, ou de prestígio por parte desses dirigentes religiosos, embora outras motivações possam também estar presentes? Daí a necessidade de nossa oração e do nosso apoio ao papa Francisco. A reforma da Igreja é tarefa de todos nós.